

Julio - 1974

Julieta de Mello e Souza, 1974

Professora, irmã de Malba Tahan, fundadora, junto com sua irmã Olga, do Colégio de Mello e Souza, no Rio de Janeiro.

Artigo original cedido por sua filha, Ruth Salles.

Sempre que vou à casa de Nair, minha cunhada, tenho a impressão de que vou ver o Julio descendo a escada, vindo de seu escritório para uma prosa. Sempre descalço, como era seu hábito, sentava-se ao meu lado e, enquanto Nair providenciava um cafezinho ou se entretinha em seu crochê, Julio contava as mais surpreendentes estórias de suas excursões, suas atividades e aventuras, que José Carlos, às vezes interrompia com piadas que faziam o Julio rir. Lembro-me de um caso que ele contou:

Convidado para fazer palestras em Mato Grosso, visitou em Campo Grande várias fazendas. (Imagino o Julio em pleno ambiente rural, ele que se dizia, como eu, do asfalto e da civilização.) Pois nessa viagem, Julio contou ter ouvido de um fazendeiro uma dissertação erudita sobre carrapatos dos mamíferos: suas diferentes raças, tamanhos, agressividades. Enfim, o Julio, com sua memória prodigiosa, ia repetindo toda aquela aula carrapatologia, quando José Carlos o interrompeu: “Já sei. Compreendi perfeitamente. Cada mamífero tem o carrapato que merece”.

Risadas de todos, inclusive do narrador, que logo começava a contar outra de suas inumeráveis aventuras. Lá mesmo, em Campo Grande, foi levado para assistir à sessão inaugural de um congresso de agricultores, e tomar parte como convidado de honra na mesa da presidência: “Não me convidem para falar porque não entendo nada de agricultura!” E José Carlos, muito sério: “Foi uma decisão acertada. Você nunca distinguiu um baobá de um pé de couve.”

E o Julio, sempre bem humorado, continuava: “Vocês acham graça, mas nessa ocasião houve um caso sério. Avaliem que, no fim da sessão, um fazendeiro amigo – não o presidente! – pediu e insistiu comigo para que eu dissesse algumas palavras, que seria

uma honra para eles, etc. Tinha que dizer algo dentro do assunto plantas, árvores... E de repente, lembrei-me da tamareira! A palmeira dos árabes, dos beduínos, dos oásis! Fiz o elogio da tamareira no melhor estilo Malba Tahan e creio que os fazendeiros ficaram bem impressionados. É bem possível que haja alguma plantação de tamareiras em Mato Grosso!”

Assim era meu irmão. Alegre, comunicativo, sempre pronto a cooperar. Brincalhão e irônico criou na família a sigla FP, que ele esclarecia: “Falou, pagou.”- referindo-se a casos que eram às vezes maldosamente criticados por pessoas que, mais tarde, seriam atingidos pelas mesmas críticas.

Gostava de reunir amigos, ex-alunos e suas famílias. Lembro-me de que, quando era catedrático da Faculdade de Arquitetura, oferecia, depois dos resultados do ano letivo, uma recepção aos seus alunos, e organizava, com auxílio da Nair, uma noitada agradável com cantorias ao violão, declamações, tudo misturado com muitas piadas e histórias maravilhosas.

Como professor, tinha sido o verdadeiro mestre, ensinando matemática com uma didática toda sua, tornando fácil o que parecia confuso, incentivando vocações, formando professores. Como escritor, orientalista ou não, sempre procurou educar. Era generoso e dizia francamente que, na sua opinião, o pecado mais odioso era a avareza, a falta de caridade, de amor ao próximo.

No Natal de 1973, enviou-me uma oração intitulada “Prece do homem idoso ao nascer do ano novo.” Essa oração, transcrita do livro “A Sabedoria de Esrael” (vol. V), traduz realmente o movimento de ascensão de uma alma, a busca de uma força espiritual, o desejo de “subir a rampa que leva à serenidade de Deus”, no dizer de Saint-Exupery.

Essa força e esse desejo, latentes dentro dele, foram presenças contantes em sua alma. Talvez muitos amigos e admiradores pensem nele apenas como Malba Tahan, alegre, amável e divertido. Ele era realmente tudo isso e muito mais: era bom e humilde de coração.